

O CASO DAS BOLEADEIRAS E SUA CONEXÃO COM COLEÇÕES DOMÉSTICAS

KAMILE MÜLLER¹; PATRÍCIA DA SILVA HACKBART²; DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – kamilemuller2003@gmail.com*

²*Museu Histórico de Morro Redondo – kibarki@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho destina-se a apresentar a pesquisa já realizada sobre a presença de boleadeiras no território de Morro Redondo, localizada na Serra dos Tapes, RS, tendo como referência a pedra de boleadeira. Este, um dos artefatos arqueológicos mais conhecidos na região platina, tanto pela população geral quanto pela comunidade acadêmica (GARCIA; DA SILVA, 2013), bem como suas conexões com coleções domésticas. A pesquisa se deu a partir do projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ligado a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) e ao Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), com o título: “Museu Morro-Redondense: Espaços de Memórias e Identidades” - que tem como objetivo promover processos museológicos na cidade de Morro Redondo.

O MHMR é uma instituição voltada para a salvaguarda e comunicação da memória da comunidade ao seu redor, por intermédio de seu acervo museológico. Fundada em 2009, por três moradores da cidade de Morro Redondo, o Sr. Antônio Reinhardt - responsável pelo recolhimento das boleadeiras -, Sr. Ervino Büttow e Sr. Osmar Franchini, que tinham o desejo de manter vivas as memórias e vivências de seus antepassados no território.

As pedras de boleadeira que deram início à pesquisa foram encontradas pelo Sr. Antônio Reinhardt, em uma de suas chácaras de pessegueiros, na região da Colônia Colorado, localizada em Morro Redondo. Elas foram levadas ao MHMR, onde estão atualmente expostas junto a outros objetos de origem pré-colonial. Esses artefatos contrastam com a predominância de peças coloniais no acervo do museu, revelando um legado indígena historicamente negligenciado na narrativa local. Além disso, evocam uma 'estratigrafia do abandono' (BRUNO, 1995), evidenciando camadas temporais e culturais que foram deixadas à margem da memória coletiva da cidade e das instituições de ensino locais.

A pesquisa em questão foi previamente apresentada durante a Semana de Museus da UFPEL em 2024, além de ter sido originalmente desenvolvida como uma avaliação da disciplina de Musealização do Patrimônio Arqueológico (MPA), no curso de Bacharelado em Museologia da UFPEL.

2. METODOLOGIA

Foram conduzidas revisões bibliográficas centradas em referências relevantes sobre as pedras de boleadeiras e as coleções domésticas, com o intuito de estabelecer uma base conceitual sólida. Paralelamente, foram integrados dados oriundos de diálogos com membros da comunidade de Morro Redondo, cuja experiência abrange os temas investigados - articulando fontes acadêmicas e saberes locais. Esse processo incluiu entrevistas e conversas,

norteadas a partir de roteiros semiestruturados, com pessoas que encontraram boleadeiras em diversas localidades, assim como saídas de campo coordenadas com a Sra. Rutilde Krüger Feldens, professora aposentada do Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As boleadeiras têm uma presença significativa na história e no território de Morro Redondo, sendo encontradas em diversas localidades do município, como na chácara de pessegueiros do Sr. Antônio Reinhardt (Colônia Colorado). Além disso, algumas pedras de boleadeiras recolhidas em Morro Redondo estão no extinto Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Elas foram recolhidas na década de 1960 pelo professor e pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro, durante a construção do Centro Evangélico Martin Luther, da Comunidade Luterana (IECLB), no atual centro urbano do município. Essas informações constam no item 216, página 13, do Catálogo das Coleções de Arqueologia, disponível no site do IAP.

Na Colônia Santa Bernardina, foi organizada uma exposição de boleadeiras no início da década de 1990, na extinta Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Bucker. Vale destacar que duas pedras de boleadeiras expostas nesta escola foram encontradas pela Sra. Rutilde Krüger Feldens, professora responsável pela montagem da exposição. Ela encontrou as pedras ainda na infância, em uma lavoura de batatas da família, e elas ficaram guardadas por muitos anos em um dos galpões da propriedade.

Um desdobramento recente da pesquisa revelou que uma das boleadeiras presentes no MHMR foi encontrada na Colônia Colorado pelo Sr. Rudinei Novak, professor do ensino fundamental na Escola Barão do Rio Branco. O local da descoberta fica próximo à chácara de pessegueiros que pertencia ao Sr. Antônio Reinhardt.

O principal caso abordado neste texto refere-se à propriedade da Sra. Márcia Müller (localizada na VRS 802, conhecida como 'faxinha', que liga à BR 392 e dá acesso ao município), onde as pedras de boleadeiras ainda estão guardadas em galpões, formando uma 'coleção doméstica'. Esse tipo de coleção é caracterizado pelo ato de colecionar objetos arqueológicos encontrados fortuitamente em praias, ruas ou, como nesse caso, em pequenas roças domésticas (Bezerra, 2011).

Em comunidades pequenas, como em Morro Redondo, esses objetos coletados fortuitamente em contextos cotidianos - como roças e campos - podem se tornar elementos importantes para a construção da memória coletiva. As coleções domésticas, portanto, não são apenas acervos informais, mas representações materiais da relação intrínseca entre as pessoas e o território que habitam. Essa dinâmica contribui para ressignificar os objetos do passado e reforça a ideia de que o patrimônio arqueológico pode ser vivido de maneira ativa e íntima pelas populações locais, fortalecendo o vínculo com suas raízes e identidades.

Bezerra (2011) argumenta que as coleções domésticas, longe de serem vistas como destruição do patrimônio arqueológico, refletem uma maneira singular de fruir o passado e de se conectar com o patrimônio cultural local. Ela destaca que essa prática é recorrente em comunidades assentadas sobre sítios arqueológicos, demonstrando uma interação cultural única com os artefatos que adquirem novos significados na vida cotidiana dos moradores.

4. CONSIDERAÇÕES

Em conclusão, as pedras de boleadeiras, ao serem integradas ao acervo e expostas no Museu Histórico de Morro Redondo, facilitam o reconhecimento e a discussão pela comunidade e visitantes. Esse processo evidencia a crescente conexão entre museus, arqueologia e as histórias locais, alinhando-se aos princípios de Bezerra (2017) e da Museologia Social (CHAGAS; ASSUNÇÃO; GLAS, 2014), que visam aproximar o museu da comunidade. Além disso, o estudo será fundamental para futuras atividades extensionistas realizadas com turmas de escolas municipais, assim como para exposições voltadas à preservação e valorização do legado indígena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Marcia. " As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, p. 57-70, 2011.

BEZERRA, Márcia. Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. **Belém: GK Noronha**, v. 1, p. 108, 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 27, n. 41, p. 429-436, 2014.

GARCIA, Anderson Marques; DA SILVA, Bruno Gato. Arqueologia experimental aplicada ao estudo das boleadeiras pré-coloniais da região platina. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, p. 89-120, 2013.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS. Catálogo das Coleções de Arqueologia. Disponível em: Instituto Anchietano de Pesquisas (unisinos.br). Acesso em: 11 set. 2024.